



Aqultune, Constância e Zacimba - diálogos com Lésbicas Negras, Masculinizadas e Pobres

Aqultune, Constância and Zacimba – dialogues with poor, black, manly lesbians

Edileuza Penha de Souza^(*)

Ariane Celestino Meireles^(**)

RESUMO

A partir do mito de Aqultune, mulher negra, quilombola ancestral, o texto “**Aqultune, Constância e Zacimba** - diálogos com Lésbicas, Negras, Masculinizadas e Pobres” dialoga com duas lésbicas negras capixabas, masculinizadas e pobres. Suas narrativas revelam trajetórias de vida, reforçando como os marcadores identitários de raça, orientação sexual, gramática corporal e classe se interseccionam no sentido de obstruir direitos de cidadania. Ambas indicam as dificuldades encontradas na escola e denunciam o silêncio frente às múltiplas violências vividas naquele ambiente. O espaço de trabalho se revela também hostil e os recursos de sobrevivência se pautam numa excessiva dedicação, na perspectiva de blindagem moral. Ambas também relatam o processo de empoderamento enquanto lésbicas negras. Intelectuais negras contribuem com a discussão e elucidam teoricamente como as práticas racistas discriminatórias, mantidas sob a falsa ideologia de democracia racial, se traduzem em violência e desvantagens, produzindo um acúmulo de discriminações que resultam em exclusão e vulnerabilidade para negras e lésbicas. Frente à realidade da baixa produção acadêmica sobre lésbicas negras, este artigo propõe ampliação de pesquisas na área, que possam contribuir na formulação de políticas públicas para o segmento.

PALAVRAS-CHAVE: Aqultune. Interseccionalidades. Lésbicas. Mulheres Negras. Políticas Públicas.

ABSTRACT

From the myth of Aqultune, an African princess who became a slave in Brazil, this paper establishes a dialogue with two poor, black, born at brazilian state of Espírito Santo, manly lesbians. Their narratives reveal life paths that reinforce how identity markers of race, sexual orientation,

(*) Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB), onde leciona as disciplinas “Pensamento negro contemporâneo” e “Etnologia Visual da Imagem do Negro no Cinema”. Historiadora, documentarista e pesquisadora, atua na área da educação, educação escolar quilombola, gênero, raça e cinema. E-mail: edileuzapenhadesouza@gmail.com.

(**)Doutoranda em Ciências da Educação, professora da educação básica e de dança afro-brasileira, ativista de movimento social de lésbicas e bissexuais. Coordena a Comissão de Estudos Afro-brasileiros da Secretaria de Educação da Prefeitura de Vitória, ES. E-mail: arianemeireles@globo.com.

body grammar and class intersect when citizenship rights are obstructed. Both women talk about difficulties in school and denounce the silence in the face of violence in that environment. Their workplace has also revealed to be hostile and their survival resources are based on excessive dedication, from the perspective of moral shielding. Both of them also report the process of empowerment as black lesbians. Black female intellectuals contribute to the discussion and explain how discriminatory racist practices, kept under the false ideology of racial democracy, translate into violence and disadvantages, resulting in exclusion and vulnerability for black and lesbians women. Considering the reality of scarce academic production on black lesbians, this paper seeks to expand research in this area, which may help elaborating public policies for this segment.

KEYWORDS: Aqualtune. Intersectionality. Lesbians. Black women. Public Policies.

Aqualtune, Constância e Zacimba – diálogos com Lésbicas Negras, Masculinizadas e Pobres¹

O simbólico como referência positiva

A noite não adormecerá jamais
nos olhos das
fêmeas pois do nosso
sangue-mulher de
nosso líquido
lembradiço em cada
gota que jorra
um fio invisível e
tônico
pacientemente cose
a rede

Conceição Evaristo - **A noite não adormece nos olhos das mulheres**

Um dos mitos sobre Aqualtune² é que ela, grávida de seu filho Ganga Zumba, liderou um exército composto por cerca de dez mil combatentes, na Batalha de Mbwila³, entre o Reino do Congo e Portugal. Derrotada, ela foi

¹ Dedicamos este texto a **Luana Barbosa dos Reis**, lésbica, negra, masculinizada, pobre, 34 anos, brutalmente espancada e assassinada pela Polícia Militar de Ribeirão Preto, São Paulo, em abril de 2016, após ser abordada e exigir que uma policial a revistasse. Seus assassinos foram absolvidos pela justiça por não haver “materialidade do crime”.

² Princesa africana, filha do rei do Congo. Seus conhecimentos políticos, organizacionais e de estratégia de guerra foram fundamentais para que o *Quilombo de Palmares* se consolidasse como o *Estado Negro da República de Palmares*.

³ A Batalha de Ambuíla (ou Batalha de Mbwila) ocorreu em outubro de 1665, entre as forças do Reino de Portugal e do Reino do Congo. Mbwila marca fundamentalmente os rumos da

sequestrada e levada para o Porto do Recife. No Brasil ela organiza uma fuga junto com outros(as) escravizados(as) para o quilombo de Palmares. Ao ser reconhecida como rainha, ela recebe um pedaço da terra quilombola, onde mantém as tradições africanas do Congo. Conhecedora das táticas de guerra, Aqualtune é uma das mulheres responsáveis pela consolidação do Quilombo de Palmares como símbolo de luta e resistência. Sua história é uma das grandes referências para diversas organizações de mulheres negras no Brasil.

Nos apropriamos da história de Aqualtune para pensar o quanto o simbólico pode vir a ser um elemento importante na urgente pauta da lesbianidade negra. O apagamento das mulheres negras na história resulta numa maior dificuldade de meninas e mulheres negras encontrarem identificação positiva para contribuir no processo de se tornarem negras, como nos ensinou a psicóloga e ativista Neusa Santos Souza (1983), em sua obra clássica sobre negritude. Tornar-se negra é um ato político que demanda uma complexidade de ações pessoais, interpessoais e políticas. Reivindicar-se lésbica negra, um outro movimento sociopolítico, pode ser uma experiência altamente complexa, considerando as barreiras sociais lesbofóbicas e racistas presentes no cotidiano de muitas mulheres.

Propomos neste artigo vincular os princípios do mito de Aqualtune enquanto enfoque de gênero, raça, sexualidade e classe e, ao mesmo tempo, provocar reflexões sobre como esses conceitos perpassam a vida das lésbicas, negras, masculinizadas⁴, pobres e com baixo status de cidadania. Essas “manas”, que na maioria das vezes ocupam trabalhos precarizados nas feiras livres, na lavagem de carros, no comércio ambulante, nos botequins e tantos outros igualmente desvalorizados e estigmatizados, em sua maioria, também estão afastadas dos bancos escolares porque, por inúmeras razões, foram

história do Congo. Sobre o assunto ver DIAS, Gastão Sousa. A Batalha de Ambuíla. Lisboa: Museu de Angola, 1942; FELGAS, Hélio Esteves. História do Congo Português. Carmona, 1958.

⁴ Utilizamos a expressão “masculinizadas” não para enfatizar as ambíguas concepções de masculinidade hegemônica (Connell, 2013) no que se refere a traço de personalidade, ou dar ênfase a um conceito normativo que essencializa o binarismo de gênero, mas para indicar a performance corporal das mulheres que se afastam do modelo de feminilidade socialmente reconhecido e (também) por isso experimentam múltiplas formas de preconceito e discriminação materializadas na lesbofobia.

“expulsas” das escolas por onde passaram. Excluídas da escola por serem negras, por serem lésbicas ou simplesmente por apresentarem uma performance corporal socialmente vinculada ao masculino, no entendimento de gênero binário que a sociedade brasileira assume, de acordo com Guacira Lopes Louro (2010).

Alijadas dos campos político, social e intelectual, um expressivo número de mulheres negras, especialmente de lésbicas negras, está distante do debate acadêmico e, na maioria das vezes, elas encontram-se dissociadas da própria condição humana⁵. Esta é a constatação de mulheres negras e lésbicas negras, no então documento oficial que trata de pensar o Brasil para o enfrentamento do racismo, do sexismo e da lesbofobia⁶:

A história das mulheres no Brasil é marcada pelas clivagens de gênero, raça, orientação sexual, territorialidade, pertencimento religioso, entre outras. Neste cenário, as tramas forjadas pelo racismo e pelo sexismo se destacam no estabelecimento de lugares de humanidades e desumanidades para as mulheres brasileiras, inseridas no contexto de uma sociedade em que ser branca, ser negra ou ser índia são marcadores que definem e garantem lugares específicos e na qual a norma do humano é assegurada exclusivamente para as mulheres brancas (BRASIL, 2010, p. 15).

Tendo esses elementos como parâmetros, nosso objetivo é problematizar a invisibilidade dessa parcela da população. Ou seja, como afirma Tânia Navarro-Swain “(...) o que interessa [aqui] são as questões; as respostas, sempre ambíguas, têm valor transitório” (2004, p. 9). Interessa também, neste texto, questionar essa invisibilidade; pensar porque historicamente lésbicas negras masculinizadas têm tido suas memórias

⁵ Não conhecemos pesquisa que registre oficialmente o quantitativo de mulheres e meninas lésbicas afastadas da escola e/ou da academia por razões de lesbofobia. A inferência que fazemos resulta dos diálogos e escutas travadas na trajetória enquanto professoras e ativistas dos movimentos sociais, e aponta para a urgência de realização de pesquisas neste campo.

⁶ É importante destacar que as políticas para as mulheres implementadas nos governos de Lula e Dilma, cujo avanço alterou significativamente as vidas de muitas mulheres no país, passam por momento de total retrocesso atualmente com o golpe de estado. O novo governo instituído vem destruindo paulatinamente tais políticas, tendo sido uma das suas primeiras ações acabar com a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM).

apagadas pela dominação masculina e branca, e também pelas feministas brancas⁷.

Outro propósito deste artigo se refere ao aspecto mais geral da luta de Aqualtune, cuja batalha incansável não se limitou a libertar as pessoas negras das opressões coloniais materializadas no sistema escravocrata. Seu principal foco foi contribuir para a destruição do sistema escravista. A história de Aqualtune foi inspiração para analisar as narrativas de duas lésbicas, negras, masculinizadas, pobres. Elas falam de si e de suas perspectivas da vivência negra e lésbica.

Optamos por trazer a existência real dessas duas lésbicas, identificando-as com nomes fictícios, colhidos de outras grandes personagens da história das mulheres negras. Elas vivem no estado do Espírito Santo, Região Sudeste do Brasil, de onde provêm as autoras deste artigo. Constância de Angola⁸ e Zacimba Gaba⁹ falam na primeira pessoa. Suas histórias se entrecruzam especialmente porque heroínas negras africanas ilustram vitórias em suas lutas contra a escravização, e lésbicas negras capixabas lutam contra o racismo e a lesbofobia. Todas, a sua maneira, afirmam a confiança em si mesmas e a importância dos apoios de pares para superarem as barreiras impostas pelas mazelas da escravização colonial. A referência na ancestralidade é o primeiro passo para romper os preconceitos raciais, de gênero, de orientação sexual e de classe, e construir uma nova sociedade.

Nesse sentido, ainda que tenhamos escolhido preservar suas reais identidades (ou parte delas), encontramos em suas narrativas os princípios

⁷ Lélia Gonzalez (1935-1994) foi uma das mais expressivas intelectuais negras brasileiras a denunciar o feminismo branco que ignorava as especificidades das mulheres negras nas bandeiras de luta. Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Luiza Bairros, Valdecir Nascimento, Wilma Reis e outras intelectuais negras brasileiras discorrem sobre isso em diversas obras.

⁸ Construiu sua história de guerreira vitoriosa no norte do Espírito Santo (Brasil), região de São Mateus. Teve seu bebê assassinado em chamas pela proprietária da fazenda onde foi escravizada. Após sua fuga da fazenda, liderou inúmeros levantes, libertando outras pessoas também escravizadas. Sua história data dos anos 1850, aproximadamente (AGUIAR, 2001).

⁹ Conhecida como princesa africana oriunda de Angola, Zacimba Gaba envenenou aos poucos o barão brasileiro que se intitulava seu senhor, até matá-lo. Após libertar-se das atrocidades escravistas da colônia, fugiu com seus irmãos para instalar-se em quilombos em São Mateus, no Espírito Santo. Tornou-se grande liderança nas lutas para libertação dos povos escravizados. (AGUIAR, 2001).

elucidativos para estabelecer um diálogo teórico com feministas e intelectuais negras. Ou seja, neste artigo, gênero, raça, sexualidade e classe são conceitos teóricos que permeiam o debate sobre a interseccionalidade e nos possibilitam ancorar as análises sobre a vida de duas lésbicas, negras, masculinizadas, pobres e com baixo status de cidadania.

GÊNERO, RAÇA, SEXUALIDADE E CLASSE - ou simplesmente lésbicas, negras, masculinizadas e pobres

Se pensarmos em gênero, raça, sexualidade e classe enquanto epistemologia¹⁰ possível para pensar a vida de lésbicas, negras, masculinizadas e pobres, seremos capazes de romper alguns engessamentos da academia, entre eles o da “neutralidade científica”. Essa prática de “neutralidade” é construída e se desenvolve deixando de fora relevantes pesquisas sobre as lutas e os movimentos das negras e dos negros, dos povos indígenas, das mulheres, dos grupos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros (LGBT) e tantos outros segmentos da sociedade tachados de minorias. Esses mesmos grupos têm pautado para a sociedade a construção de políticas de justiça e promoção dos direitos humanos.

Para Santos (1995), a perspectiva colonial no âmbito das ciências humanas, construída a partir de uma representação predominantemente branca e eurocêntrica, se estrutura dentro de uma abordagem de violência que molda os fundamentos do genocídio e do epistemicídio, que ele assim conceitua:

o genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que

¹⁰ O saber científico aqui está associado ao que Boaventura Sousa Santos chamou de epistemicídio. Ao se apropriar do conceito, Sueli Carneiro descreve que as desigualdades vividas por pessoas negras na sociedade, em especial na educação, se configuram nesse campo do epistemicídio, que ela descreve: “o epistemicídio configura a racialidade como um domínio que produz saberes, poderes e subjetividades com repercussões sobre a educação” (Carneiro, 2005, p. 11).

podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais). (Santos, 1995, p. 328).

Existe uma emergência no sentido de promover no campo social, político e acadêmico outros conhecimentos capazes de confrontar o epistemicídio de que tratam Santos (1995) e Carneiro (2005). Em seus estudos sobre gênero, Louro afirma que “(...) nenhuma pesquisa é desinteressada ou neutra. A pesquisa feminista é, assumidamente, uma pesquisa interessada e comprometida, ela fala a partir de um dado lugar” (Louro, 2010, p. 154). É desse lugar de pesquisadoras feministas e negras que entendemos a necessidade do tratamento interseccional para falar sobre lésbicas, negras, masculinizadas e pobres. Ou seja, demarcar este entrecruzamento de diferentes marcadores identitários reunidos numa única similaridade de mulher.

O conceito de interseccionalidade nos possibilita compreender como essas diversas identidades se traduzem em múltiplas opressões. Conceito elaborado por Kimberlé Crenshaw no final dos anos 1980, a interseccionalidade ou intersecção de identidades sociais “(...) traduz as várias formas como raça e gênero interagem para moldar as múltiplas dimensões das experiências” das mulheres negras (Crenshaw, 1991, p. 1.241-1.299). A intersecção de identidades sociais está diretamente ligada aos sistemas de dominação, opressão, preconceitos e discriminações. Kimberlé detalha categorias como gênero, raça, classe, capacidade, orientação sexual, religião, casta, idade e outros, e demonstra como essas identidades estão conectadas e se entremeiam para criar uma hierarquia social. Em seus estudos, propõe a interseccionalidade como paradigma elementar no conhecimento acadêmico, na justiça social e na demografia (WERNECK, 2010; COLLINS, 2012).

Ou seja, uma mulher negra, lésbica, masculinizada e pobre tem também identidades de cunho religioso, geracional, regional, entre outros,

constituindo diferentes eixos de subordinação que afetam diretamente suas vidas. Acreditamos que a interseccionalidade é o conceito que melhor assimila e contempla a racialização e a sexualidade dos grupos oprimidos, tendo em vista que, enquanto teoria, ela nasce no sentido de compreender a exploração e a opressão que incide sobre as mulheres negras (FREITAG e SEVERO, 2015).

A identidade é, antes de tudo, resultado de um processo histórico-cultural. Nascemos com uma definição biológica, ou seja, homens ou mulheres. Ou nascemos com uma definição racial: brancos ou negros. E sobre essas definições sexuais e raciais, se construirá uma identidade social para esses diferentes indivíduos, homens, mulheres, brancos e negros. E essa identidade social será construída a partir de elementos históricos, culturais, religiosos, e psicológicos (CARNEIRO, 1993, p. 9).

Então, como nos aponta a filósofa Sueli Carneiro, multiplicidade de identidades “não seria problema se a diferença não fosse tida e vivida como inferioridade na cultura ocidental” (1993, p. 9). Nessa perspectiva, a identidade de lésbicas, negras, masculinizadas e pobres define campos específicos no sentido de “justificar os diversos níveis de subordinação e opressão a que as mulheres estão submetidas e promover, nelas, a aceitação de um papel subordinado socialmente” (1993, p. 9). Em outras palavras, o cruzamento do racismo, do sexismo e da lesbofobia cria desigualdades que posicionam social e politicamente alguns grupos.

No Brasil, as desigualdades de gênero se interrelacionam com as desigualdades de raça/cor, orientação sexual e classe. Práticas racistas discriminatórias se mantêm sob uma falsa ideologia de democracia racial, assim como práticas sexistas e lesbofóbicas se reproduzem e se traduzem em violência e desvantagens para as mulheres, produzindo um acúmulo de discriminações que se torna crucial para produzir situações de exclusão e vulnerabilidade para mulheres negras e lésbicas (BRASIL, 2010, p. 48).

O movimento de mulheres negras logo reconheceu que suas especificidades não cabiam nas formas de opressão vividas por homens negros ou mulheres brancas, que a princípio se propunham universais, mas não as concebiam como cidadãs de direitos. Nesse sentido, a identidade de lésbicas,

negras, masculinizadas e pobres é, antes de tudo, um projeto político e social que compreende as opressões e o domínio da ideologia machista e patriarcal. Sobretudo, visualiza na teoria da interseccionalidade possibilidades concretas para formatar na sociedade experiências vividas por essas mulheres.

O MITO DE AQUALTUNE - elemento civilizatório de uma educação libertadora

Trazer a grandeza de Aqualtune para dialogar sobre e com negras lésbicas tem por propósito abordar, no campo da educação, o significado da presença de uma mulher negra como símbolo de poder e resistência, tema caro para todas as crianças, especialmente as meninas negras. Neusa Santos pondera que

A história de ascensão do negro brasileiro é, concomitantemente à história da construção de sua emocionalidade, esta maneira própria, historicamente determinada, de organizar e lidar dinamicamente com o mosaico de afetos (SOUZA, 1983, p. 19).

Parte significativa da construção histórica e emocional das crianças, adolescentes e jovens negros e negras se faz dentro da escola, onde se aprende um modelo hegemônico de êxito, beleza, sexualidade, inteligência. Frequentemente, esses modelos são pautados na imagem bem-sucedida financeiramente do branco, cristão e heterossexual como possibilidade de existência digna. Quem se afasta dessa matriz em geral recebe da escola o desprezo.

A atuação conjunta do racismo e do machismo presentes nas escolas impede que inúmeras meninas, adolescentes e jovens conheçam e se reconheçam em mulheres como Aqualtune, Zacimba Gaba, Constância de Angola e tantas outras heroínas negras e lésbicas. Esse não reconhecimento favorece a formação de gerações envergonhadas do seu pertencimento racial e sexual e, por conseguinte, frágeis para enfrentar as inúmeras adversidades impostas pelos preconceitos e discriminações nos mais diversos espaços da

sociedade. As histórias trazidas aqui por “Constância de Angola” e “Zacimba Gaba” são narrativas que demonstram o modo perverso de como a escola lida com as diferenças. Ao mesmo tempo, trazer essas duas histórias de superação possibilita refletir sobre a urgente necessidade de se construir uma escola e uma sociedade mais justas, igualitárias e fraternas.

A formação cidadã, a construção de políticas públicas, a sensibilidade, o respeito às diferenças e às diversidades são elementos estruturais de uma sociedade que reflita os sonhos e a luta de Aqualtune, ou seja, uma sociedade onde as diferenças de cor, sexo ou classe social não sejam impeditivas do uso e acesso à propriedade coletiva da terra, do conhecimento humano e/ou ancestral, bem como, de usufruir das riquezas sociais e econômicas produzidas.

Ao falamos sobre e com lésbicas negras masculinizadas, temos a convicção de que esses marcadores sociais e políticos podem sugerir experiências semelhantes, com muitas outras mulheres. Longe de tentar generalizá-las, nosso objetivo é que suas experiências possam ilustrar o discurso da opressão, levando em conta as discriminações sofridas pelas lésbicas negras masculinizadas. Desse modo, é preciso compreender que muitas vezes a masculinização é uma estratégia de se “proteger” da violência. Quinto país em eventos de violência contra as mulheres, dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), ilustrados no Mapa da Violência de 2015, constatam que no Brasil o número de feminicídios é maior entre as mulheres negras (BRASIL, 2016). Entretanto, apesar do grande avanço no recorte de raça, estudos sobre a proporcionalidade de lésbicas assassinadas são incipientes no Brasil¹¹.

Assim, refletir sobre as violências sofridas pelas lésbicas negras não feminilizadas e inferir como suas identidades podem ser símbolo de resistência é, antes de tudo, demarcar a construção de redes de solidariedade e companheirismo. A luta e fortalecimento da conquista por soberania e

¹¹ “Lesbocídio, as histórias que ninguém conta” é uma pesquisa em andamento pelo Núcleo de Inclusão Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trata-se da primeira pesquisa do gênero no país e procura dar visibilidade aos crimes de ódio motivados pela lesbofobia. Ver informações em: <<https://lesbocidio.wordpress.com/>>.

cidadania pautada por mulheres como Aqualtune, Constância de Angola e Zacimba Gaba é nada mais que a construção da dinâmica civilizatória dessas e de tantas outras heroínas: nossas ancestrais, avós e mães, que têm possibilitado nossas existências e sororidade.

Constância de Angola - O movimento LGBT como descoberta da negritude

Constância vive no norte do Espírito Santo, tem 52 anos, terceira filha de uma pequena família matrilinear. De pele clara, gramática corporal masculina, escolarização interrompida, relata sua experiência de vida a partir da inserção no movimento social de LGBT em sua cidade.

Apesar de não ter concluído nem o primeiro grau, comecei a fazer parte de reuniões com gays da universidade e travestis da minha cidade. Eles começaram a organizar as paradas gay e me chamaram pra participar, acho que porque tenho este jeitão todo de sapatão e não tinha muitas meninas pra fazer a parte das lésbicas. Aí me chamaram. Depois da primeira parada na minha cidade, continuei nos encontros deles e teve um evento no Rio, em Niterói, o ENUDS, por volta de 2005, por aí. Fui junto com um monte de estudantes, não precisava pagar nada. Lá foi muito massa, nunca participei de nada igual, me senti muito bem, feliz, valorizada.

Conhecemos Constância por ocasião do evento que ela menciona, o Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual (ENUDS), na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, Rio de Janeiro. Notamos muita descontração e riso fácil na mulher que se apresentou como lésbica na reunião de preparação para o encontro, que ela mais tarde revelou ser traço de seu nervosismo por estar diante de pessoas desconhecidas e, segundo suas palavras, “pessoas inteligentes”. Nessa apresentação, disse ter saído da escola mesmo antes de terminar o ensino fundamental e que “a escola era o pior lugar para se estar”. Referiu-se às inúmeras agressões físicas e simbólicas que vivenciou no espaço escolar por colegas que a ofendiam e por professoras, que ficavam silentes. Vivenciou nesse espaço, o que Rogério Junqueira chama de “pedagogia do insulto”:

Tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos LGBT. Essas pessoas veem-se desde cedo às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica (JUNQUEIRA, 2009, p. 17).

Constância relata que o “jeito masculino”, segundo suas palavras, pode ter sido decisivo para experimentar, ainda criança, os mais diversos tipos de violências na escola.

Desde muito cedo, nem lembro que idade, mas era pequena ainda, tipo 10 ou 11 anos. Detestava usar roupas femininas e sempre ia pra escola de bermudas ou calças, que era o que os meninos usavam mais, na época. Hoje as meninas também usam bermudas e calças até no uniforme, mas naquela época não. Muito menos no interior, na roça.

Aos 13 anos, Constância evadiu-se da escola. Passou a trabalhar nos serviços domésticos e depois migrou para outros empregos, como empacotadora de supermercado e lavadora de carros nas ruas de sua cidade. Nesses espaços, percebia que seu “jeitão de menino” até ajudava, porque conseguia trabalho sempre, especialmente aqueles que exigiam maior força física. Segundo suas palavras, não eram esses os melhores empregos do mundo, aliás, nem emprego eram, mas sim trabalhos. “Não pagavam bem, mas também eu não tinha estudo, né?”, justifica.

No contexto do racismo e do machismo, o afastamento da escola representa, a médio e longo prazos, o afastamento do acesso a políticas públicas e o não reconhecimento de suas existências enquanto mulheres cidadãs. Por consequência, mesmo que elas tenham algum tipo de formação técnica ou superior, as possibilidades de crescimento profissional e acadêmico são mínimas. Ainda assim, conforme descrevem as autoras Geanine Vargas Escobar e Maria Manuel Baptista (2016), as lésbicas negras masculinizadas,

(...) pertencem a uma comunidade que se encontra totalmente desamparada e esquecida pelo Estado, pelo judiciário, pela

mídia, pela academia e pelos movimentos associativos, presididos majoritariamente por pessoas brancas, cisgêneras, heteronormativas e que não se preocupam com a total falta da presença negra nos espaços de decisão política, cultural e de ensino. Logo, percebe-se que esta comunidade de lésbicas negras está mais vulnerável, sofre mais com as altas taxas de desemprego, empregos sem direitos e/ou garantias trabalhistas e a falta de oportunidade (ESCOBAR; BAPTISTA, 2016, p. 294-295).

O contato com Constância passou a ser mais frequente após o ENUDS, especialmente porque era uma das poucas mulheres interessadas no ativismo LGBT no Espírito Santo, à época, entre 2005-2009¹².

Nesse período, foi criado em Vitória o Grupo Girassol, um coletivo LGBT que mais tarde denominou-se Fórum Capixaba LGBT. Apesar dos escassos recursos financeiros para custear viagens do interior para a capital, Constância participava assiduamente dos encontros do fórum. O coletivo, muitas vezes, organizava coleta solidária para garantir a sua presença e a de outras pessoas que viviam distantes da Grande Vitória. Num desses encontros em Vitória, Constância relatou sua descoberta em ser mulher negra:

[No contexto do ENUDS, Rio de Janeiro] Os negros me chamaram para reunir separado, para falar coisas do racismo, da homofobia junto com o racismo. Achei estranho a beça, nunca me vi negra, mas eles viram. E eu fui. Depois disso participei de outros encontros sobre negros e conheci gente que me ajudou muito a me entender. Agora eu mesma digo que sou negra, e isso me ajuda muito em várias coisas.

Dentre as “várias coisas” da descoberta da negritude de Constância, ela destaca a que talvez seja a mais importante de sua vida: ter voltado a estudar e entrar na faculdade pelas cotas raciais. Bacharel em Administração, relata que não conseguiu grandes empregos depois de formada, no ano de 2015, mas prepara-se para outras conquistas. Em sua cidade, Constância inaugurou o ativismo lésbico no movimento social LGBT que a levou a mudar de vida. E

¹² No ano de 2009, a Santa Sapataria, movimento social de lésbicas e bissexuais do Espírito Santo, inaugurou um coletivo exclusivo de mulheres no estado. Até então, todas as ações de cidadania para as lésbicas e bissexuais eram pautadas em conjunto com os grupos mistos.

nesta senda, acredita que contribui para que outras lésbicas avancem.

Alguns aspectos da trajetória dessa mulher lésbica que se descobre negra se cruzam com o mito de Constância de Angola. Mulheres negras dispostas aos enfrentamentos cotidianos para realizar conquistas. Mulheres negras que perceberam a importância de contar com seus pares para seguir em frente. Mulheres negras que se tornaram referências para tantas outras.

Ao falar sobre o sofrimento de Mulheres Negras, Edileuza Penha de Souza aponta como a resistência e soberania têm conduzido as mulheres negras para o mundo da educação formal. Nesse sentido, podemos afirmar que a história de Constância carrega em si “um conjunto de memórias, labutas, vitórias e rompimentos” (SOUZA, 2010). Uma trajetória de rompimento de fronteira, de construção de integridade do ser ativista e pertencer a grupos que a reconheça e que a valoriza como negra, lésbica, masculinizada, como destaca o poema “Para cada uma de vocês”, da ativista lésbica, negra, estadunidense Audre Lorde:

(...)
Mesmo quando forem perigosas, examine o
coração das máquinas que você odeia
Antes de descartá-las
E nunca lamente sua falta de poder
A menos que esteja condenada a atenuá-las
Se você não aprender a odiar Você nunca
estará sozinha o suficiente
Para amar facilmente Nem será corajosa o
suficiente, Embora isso não surja facilmente
Não finja ter crenças convenientes Mesmo
que elas pareçam certas
Você nunca defenderá sua cidade gritando.
Lembre-se de qualquer dor Que surja do seu
sonho
Mas não procure por novos deuses
No mar nem em qualquer parte de um arco-
íris
Cada vez que amar Ame profundamente
Como se fosse para sempre Apenas o nada é
eterno (...).

Zacimba Gaba - presença de mãe blindando o racismo e a lesbofobia

O contato com Zacimba se deu num dos encontros realizados pela Santa

Sapataria, um movimento social de lésbicas e bissexuais do Espírito Santo. Cumprindo a programação de realizar encontros itinerantes em bairros das periferias de Vitória e cidades vizinhas, com temas que abordam o feminismo negro e direitos civis de lésbicas e bissexuais, no mês de dezembro de 2010 a Santa Sapataria realizou a edição do “Sapato de Natal”, e nesse encontro Zacimba Gaba esteve presente. Após o debate sobre atenção à saúde das mulheres lésbicas e bissexuais, o momento de descontração reuniu um pequeno grupo que desejava conversar um pouco mais. Zacimba falou. E ouvimos. E formou-se o diálogo.

Ao contrário de Constância, Zacimba nunca teve dúvida sobre sua cor. Preta retinta, desde menina teve dificuldades em aceitar a sua cor. E uma vez mais a escola entra no cenário como o espaço de socialização onde as relações se manifestam do modo mais complexo para crianças e jovens negras. Cabe à escola, como esfera política, refletir sobre as consequências do machismo, do racismo e da LGBTfobia em seus espaços de atuação, ter consciência de que cidadania somente pode ser construída com respeito, autonomia, críticas e conhecimento. Pois somente assim é possível pautar a edificação de uma sociedade melhor.

Menina negra nascida em bairro da periferia de Vitória, Zacimba é a nona filha de uma família de oito irmãos e irmãs. Revela que sabia que ser negra era ruim porque as relações (ou a ausência delas) na escola confirmavam isso.

Lembro de tantas coisas ruins que fica até difícil enumerar. São constrangimentos nas festas juninas, em que a gente nunca é escolhida pelos meninos para ser par. São piadas sobre nossos cabelos e cor de pele. São os isolamentos na hora do recreio. São experiências de fazer sempre sozinha os trabalhos em grupo, porque ninguém quer sentar junto. São anos dentro de uma escola que não apresenta uma única coisa boa em ser negro. Enfim, a escola me mostrou logo de cara que ser preta era muito ruim.

Encorajada pela mãe, empenhava-se ao máximo na escola para ter rendimento maior que as demais colegas brancas e, quem sabe, ser olhada e até admirada pelas professoras e colegas. A estratégia da mãe de Zacimba é

idêntica à que prepondera nas pesquisas de Ana Célia da Silva (2004), Eliane Cavalleiro (2001), Kabengele Munanga (2005), Nilma Lino Gomes (2010), Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2004), entre outras autoras e autores: a compensação intelectual como recurso para sobreviver ao racismo da escola.

Apesar do empenho nos estudos, Zacimba teve uma reprovação na então 4ª série. Relata que começou a ter queda no rendimento porque passara a sofrer violências pelo comportamento estereotipado masculino. Bastava querer entrar no time do futebol ou vestir roupas “mais largas e confortáveis”, segundo suas palavras, para que as outras crianças iniciassem as agressões que consistiam em xingamentos, piadas, isolamentos em muitos momentos. A partir dessa experiência, tentou alterar seus modos de vestir e comportar-se, “buscando ser mais feminina”, mas disse não ter logrado êxito. “Este era meu jeito, não tinha como mudar. Nem sabia que isso indicava gostar de mulher, nem sei se gostava, não lembro. Era criança demais para pensar nisso. Só sofria. Acabei reprovando”, relata.

Retenção escolar, evasão, abandono, expulsões. A ausência de informações oficiais sobre o desempenho escolar de estudantes com recorte de orientação sexual denuncia o quanto o tema segue negligenciado pelas políticas de educação no Brasil. Quantas são as jovens e adultas lésbicas que abandonam a escola em razão da lesbofobia institucionalizada? Onde estão essas mulheres? Qual ocupação exercem no mundo do trabalho?

No âmbito educacional e em outros como lazer ou empregabilidade, sabe-se que alguns fatores colaboram para o agravamento da lacuna de informações sobre lésbicas. A invisibilidade continua sendo um dos maiores problemas para a coleta de informações do segmento. Há muitas lésbicas que se esquivam de participar de pesquisas cujo foco seja a orientação sexual. Falar sobre sua existência lésbica parece ser, ainda, um grande tabu, independentemente do recorte racial. Não por acaso, uma das principais bandeiras de luta dos movimentos sociais de mulheres lésbicas e bissexuais feministas consiste justamente na visibilidade. O dia 29 de agosto, Dia Nacional da Visibilidade Lésbica, constitui-se como o momento mais significativo para os movimentos sociais de lésbicas em todo o país.

Em suas pesquisas sobre lesbianidades e políticas públicas, Ariane Celestino Meireles (2017) destaca que o estereótipo masculino atrai olhares, comentários e desconfianças sobre a performance profissional. A cor da pele, o cabelo crespo, a aparência masculinizada são elementos que incitam preconceitos que concorrem para impedir maiores oportunidades nos trabalhos mais qualificados de lésbicas negras. A lógica racista e lesbofóbica não concebe relacionar negritude e lesbianidade à intelectualidade, ao compromisso, ao brilhantismo.

Zacimba levou muito a sério o aconselhamento de apegar-se aos estudos para tentar sair do lugar de inferioridade para onde fora empurrada durante toda a vida. Nos encontros subsequentes com a Santa Sapataria, revelou, entre outras informações, que sabia das dificuldades em se colocar no mercado de trabalho por ser preta, ter origem pobre, ser masculinizada e lésbica. Escolheu como profissão o magistério e licenciou-se em Educação Física. Profissionalmente, diz-se realizada. É servidora pública, sente-se respeitada no trabalho que desenvolve e revela empenhar-se muito para “não deixar brechas para falarem de mim, porque logo aliam a nossa sexualidade e cor à falta de compromisso, à malandragem, à preguiça. Não dou moleza, me empenho mesmo”.

Zacimba vale-se do esmero no trabalho como uma espécie de blindagem moral nesse campo. Aciona um dispositivo compensatório sobre o que a sociedade concebe como “falha moral”: a lesbianidade (CASTAÑEDA, 2007). Ainda assim, diz passar por situações no trabalho que não acontecem com as outras colegas cisgêneras com quem compartilha as aulas, especialmente quando atua na educação infantil. Segundo informa, há um certo receio por parte de alguns familiares, principalmente mães e pais de meninas, de que ela poderia influenciar as crianças a tornarem-se lésbicas. A essas investidas de desconfiança sobre sua idoneidade, ressalta:

Sei bem que posso denunciar essa gente toda se insinuarem qualquer coisa pro meu lado. E eles sabem que sei dos meus direitos, que não sou burra, que sou informada. O que falam é sempre por trás. Ninguém ousa falar nada comigo. Mas, pra falar a verdade, acho tudo isso muito cansativo. Todos os dias, toda hora, desde criança, tenho que sair provando que não sou perigosa, não sou malandra, não sou isso, não sou aquilo. Isso

cansa muito, são muitos anos nisso. Mas vamos em frente!

Talvez tenha sido esta a mesma estratégia de Zacimba Gaba, nossa ancestral guerreira: pacientemente e acreditando na certeza da vitória vindoura, envenenou aos poucos aquele que a escravizara. Libertou-se, salvou seus irmãos e muitas outras pessoas escravizadas na região de São Mateus. Perseverança e força foram suas principais marcas.

A Zacimba contemporânea revela que acredita ter inspirado irmãs e irmãos mais velhos e mais novos que ela a não se entregar às armadilhas do racismo, especialmente a mais perversa, do seu ponto de vista, que é fazer as pessoas negras acreditarem que não são capazes. A mãe teve papel fundamental na blindagem do racismo e da lesbofobia.

MITOS ANCESTRAIS E HISTÓRIAS REAIS - fechando a conversa

Aqualtune vislumbrava uma sociedade livre para todas as pessoas. Mas não poderia supor que haveria a necessidade de convencer negras e negros brasileiros sobre a importância do seu pertencimento racial. Esta constitui, ainda, uma das principais lutas dos movimentos sociais de negras e negros. Omitir o pertencimento racial ou camuflá-lo com nomes que “suavizam” a negritude é parte do projeto político do embranquecimento que, como afirma Maria Aparecida Silva Bento, foi forjado para o Brasil oficialmente e que se propaga até os dias de hoje (BENTO, 2002).

Salientamos a importância de se conhecer o legado das lutas protagonizadas por mulheres negras e reconhecer nessas uma ancestralidade digna de ser lembrada a cada percalço imposto pelos preconceitos e discriminações. Suas histórias vitoriosas precisam ser reconhecidas como fundamentais para a garantia de direitos das mulheres de modo geral e das negras lésbicas em especial. Representatividade importa.

Os movimentos sociais de negras e negros contemporâneos são frutos das lutas das ancestrais. E por força desses movimentos, a história e cultura africanas e afro-brasileiras tornaram-se matéria obrigatória nos currículos

escolares em todo o Brasil, a partir de 2003. A lei 10.639/2003¹³ cumpre, assim, o papel de dar a conhecer o legado sobre o qual tratamos neste artigo.

A luta pela visibilidade negra e lésbica não se restringe apenas às denúncias explícitas ou ao ativismo da rua. Reconhece-se que a grande maioria das lésbicas negras por motivos religiosos, culturais e/ou familiares – afora todas as opressões já mencionadas –, não consegue ou não pode expor sua privacidade. A despeito disso, entende-se que existem diferentes estratégias de resistência e, ao mesmo tempo, uma complexidade nas vivências dessas mulheres que necessita de maior aprofundamento teórico.

Poucas são as obras acadêmicas que se debruçam sobre as lesbianidades negras, ainda que muitas sejam as lésbicas negras que compõem nossa sociedade brasileira. Quem são? Onde estão? O que reivindicam? Quais sonhos? Como pensam o mundo onde vivem? Como lidam com questões como maternidade, amor, casamento e fidelidade? O que significa o bem viver para as lésbicas negras? São algumas questões que motivam esta escrita. Despertar o interesse acadêmico neste campo de estudos pode favorecer a criação e implementação de políticas públicas voltadas para lésbicas negras, em função do lugar de desigualdade que ocupam. Se isso parece sonho, o convite está feito para sonharmos juntas.

Referências

AGUIAR, Maciel. *Os últimos zumbis: a saga dos negros do Vale do Cricaré durante a escravidão*. 2. ed. Porto Seguro: Cultura, 2001.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branquitude: o lado oculto do discurso sobre o negro. In: *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). Petrópolis: Vozes, 2002, p. (147-162).

BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Diretrizes Nacionais Femicídio*. Investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas das mulheres. Brasília: SPM, 2016.

¹³ Sua implementação, no entanto, não tem sido efetivamente considerada no rol de políticas públicas educacionais no país. Um braço do racismo institucional vigente no Brasil se expressa na falta de compromisso de gestoras e gestores públicos na implementação desta importante legislação.

BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Pensar o Brasil para o enfrentamento do racismo, do sexismo e da lesbofobia*. Relatório final do grupo de trabalho para fortalecimento das ações de enfrentamento do racismo, do sexismo e da lesbofobia no II plano nacional de políticas para as mulheres. Brasília: 2010.

CARNEIRO, Sueli. *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. São Paulo: Universidade de São Paulo, tese de doutorado, 2005. Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-com-o-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>> . Acesso em: 16 maio 2018.

_____. Identidade Feminina. *Caderno Geledés-Instituto da Mulher Negra*, São Paulo. 1993.

CASTAÑEDA, Marina. *A experiência homossexual*. São Paulo: A Girafa, 2007.

CAVALLEIRO, Eliane. *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.

COLLINS, Patricia Hill. Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro. In: *Feminismos negros, una antología*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012.

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, jan.-abr./2013.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: *Intersectionality, identity politics, and violence against women of color*. Stanford Law Review, 1991, v. 43, n. 6, p. 1.241-1.299.

ESCOBAR, Geanine Vargas; BAPTISTA, Maria Manuel R. T. O pensamento das mulheres negras e a lesbianidade negra em contexto lusófono. In: BAPTISTA, Maria Manuel R. T.; LAIF, Larissa (Coordenadoras). *Gênero, Direitos Humanos e Ativismos - Atas do V Congresso Internacional em Estudos Culturais*. Coimbra: Grácio Editor, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski. *Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015.

GOMES, Nilma Lino; ABRAMOWICS, Anete. *Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

JUNQUEIRA, Rogério D. (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília: MEC/SECAD, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MEIRELES, Ariane Celestino. Lésbicas, bissexuais, cis, professoras: notas sobre cotidianos escolares. In: GIVIGI, Ana Cristina; DORNELLES, Priscila. *Babado acadêmico no recôncavo baiano: universidade, gênero e sexualidade*. Salvador : Edufba, 2017, v. 2, p. 113-131.

MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. *O que é lesbianismo?* São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Sousa Boaventura. *Pela mão de Alice*. São Paulo: Cortez, 1995.

SILVA, Ana Célia da. *A discriminação do negro no livro didático*. Salvador: Edufba, 2004.

SILVA, Petronilha Beatriz G. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Ministério da Educação. Brasília, 2004.

SOUZA, Edileuza Penha de. Professoras negras: a escola como tessituras da territorialidade ancestral. In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; MAGALHÃES, Ana Del Tabir. (Org.). *Educação para diversidade: olhares sobre a educação para as relações étnico-raciais*. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

WERNECK, Jurema (Org.). *Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil*. Criola. Rio de Janeiro, 2010.

Texto recebido em: 30/03/2018

Texto aprovado em: 20/06/2018